



INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS

BACHARELADO EM HUMANIDADES

SYRLYANE DE CASTRO QUEIRÓS PELUCIO

**TRAUMA DE SOBREVIVÊNCIA: UMA
ANÁLISE DE *É ISTO UM HOMEM?***

REDENÇÃO – CE

2014

SYRLYANE DE CASTRO QUEIRÓS PELUCIO

TRAUMA DE SOBREVIVÊNCIA: UMA ANÁLISE DE *É ISTO UM HOMEM?*

Trabalho apresentado ao curso de graduação à
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira, para conclusão do
curso de Bacharelado Em Humanidades.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ordine

REDENÇÃO - CE

2014

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira

Direção de Sistema Integrado de Bibliotecas da UNILAB (DSIBIUNI)

Biblioteca Setorial Campus Liberdade

Catálogo na fonte

Bibliotecário: Francisco das Chagas M. de Queiroz – CRB-3 / 1170

Pelucio, Syrlyane de Castro Queirós.

P45t

Trauma de sobrevivência: uma análise de é isto um homem? / Syrlyane de Castro Queirós
Pelucio. Redenção, 2014.

46 f.; 30 cm.

Monografia do curso do Bacharelado em Humanidades do Instituto de Humanidade e Letras da
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – UNILAB.

Orientador (a): Prof. Dr. Rodrigo Ordine.
Inclui Referências.

1. Holocausto Sobreviventes. 2. Memória. 3. Trauma psíquico. 4. Holocausto judeu. I. Título.

CDD 940.53

SYRLYANE DE CASTRO QUEIRÓS PELUCIO

TRAUMA DE SOBREVIVÊNCIA: UMA ANÁLISE DE *É ISTO UM HOMEM?*

Trabalho apresentado ao curso de graduação à
Universidade da Integração Internacional da
Lusofonia Afro-Brasileira, para conclusão do
curso de Bacharelado Em Humanidades.

Data de Defesa: 13 de Agosto de 2014

Resultado: _____

Prof. Dr. Rodrigo Ordine – Orientador

Prof. Dr. Maurilio Machado – Banca examinadora

Profa. Dra. Monalisa Valente – Banca examinadora

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Eu, S Y R L Y A N E D E C A S T R O Q U E I R Ó S P E L U C I O, matriculada na UNILAB com o número 2012201284, graduanda do Bacharelado em Humanidades, declaro publicamente ser autora da monografia intitulada **Trauma de sobrevivência: uma análise de *É isto um homem?*** e assumo a responsabilidade pela fidedignidade dos conteúdos apresentados, para os quais não existem restrições de divulgação e pela lisura com que foram por mim obtidos e empregados, sem qualquer violação de direito autoral.

Redenção (CE), agosto de 2014.

Assinatura

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia. Seu fôlego de vida em mim foi meu sustento e me deu coragem para questionar realidades e me propôs sempre um novo mundo de possibilidades; a meu esposo Ricardo e filhos Ruth e Neto; a meu pai Francisco e minha mãe Salomé; ao meu orientador Prof. Dr. Rodrigo Ordine, que com paciência me ajudaram e me incentivaram durante esta caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus pelo dom da vida, da sabedoria e da força para lutar e vencer os obstáculos.

Agradeço a minha família, ao meu pai Francisco e minha mãe Salomé que estiveram ao meu lado em todos os momentos durante estes dois anos de graduação e por tudo o que fizeram por mim; das noites acordadas, os balanços na rede pra eu pegar no sono quando bebê, horas e horas de estudo juntos nos primeiros passos da aprendizagem, dos conselhos na adolescência, dos incentivos a prosseguir os estudos SEMPRE. Enfim, vocês dois são exemplos pra mim, de amor, de união, de respeito, de companheirismo... são meu porto seguro, iluminando meus passos. Em especial ao meu esposo Ricardo que por vezes me fez lembrar que o caminho pode ser difícil, mas que ele sempre iria estar do meu lado para me ajudar a levantar quando eu caísse, enxugou as lágrimas das decepções com as notas, dormia tarde da noite para que eu pudesse estudar mais algumas horas, me ajudou até a fazer os trabalhos. Esteve sempre comigo. Das idas e vindas para me levar e trazer até a universidade. Pelas vezes que me esperou na saída da universidade sem saber se eu ainda estava lá. Do apoio todas as vezes que eu precisava comprar textos e mais textos, e sem nenhuma reclamação pagava todos com todo prazer, pois sabia que estava investindo em algo essencial para mim. Enfim, o meu obrigada a todos que me apoiaram de todas as formas possíveis.

Aos meus queridos filhos Ruth Shely e Neto que suportaram sem reclamar as ausências, nas festas da escola e apresentações, a falta de dar boa noite antes de dormirem e a imensa paciência que tiveram quando dizia que não dava pra ir brincar com eles. Ao meu filhinho Neto que teve de compreender desde muito pequeno, que estudar era importante, mesmo que tivesse que ficar só com a irmã em casa. Das vezes que entendiam que eu precisava ficar só em casa para realizar algum trabalho complexo e iam para casa da minha mãe, a fim de me deixar só para que não tivesse nenhum barulho. Agradeço pelas noites diárias que precisavam ficar sozinhos e terem que preparar suas jantas sozinhos enquanto eu estudava e quando eu chegava da aula, sempre ouvia a pergunta, “e aí, como foi a aula, foi boa?”. Isso era uma forma de carinho, então vai o meu obrigada aos dois.

Quero aqui também agradecer aos meus irmãos que, de uma forma ou de outra, me deram força, apoio e por algumas vezes, ajuda financeira na compra dos textos indicados pelos professores. Em especial ao meu irmão mais velho Syrley que por várias vezes se prontificou de imprimir muitos de meus trabalhos, mas também meu querido irmão Sysney que nunca me deixou sem texto quando não tinha dinheiro suficiente para comprar, ele sempre estava presente. Ao Sydley que inúmeras vezes recebeu ligações minhas em cima da hora pra me levar até a Universidade. À Sylvyane que sempre me arranjava seus livros para pesquisas de última hora. Não esquecendo também da minha irmã mais velha, Syglyd, que sempre me aconselhava nos momentos difíceis da graduação. Meu obrigada vai a todos.

Agradeço a todos os professores, desde a Primeira Série do Ensino Fundamental e Médio, pois foram os alicerces para a minha formação pessoal e profissional e agradeço, sobretudo, aos professores do curso Bacharelado em Humanidades - BHU, Dr. Américo Souza e Dr. Maurílio Machado, que possibilitaram novos estudos e que me ensinaram a compreender o mundo de outra forma e em especial, agradeço ao meu professor e orientador Rodrigo Ordine por ter me apresentado a “Literatura de Testemunho” e, sobretudo, a obra de Primo Levi, pois acreditou e confiou em meu projeto, movido pelo desejo de entender o que é tema e que se transformou em um trabalho envolvente e prazeroso de ser executado. Agradeço pelas orientações que elucidaram tantas das minhas dúvidas e que me “ensinaram a escrever”, tendo uma enorme paciência com meus defeitos de escritas, com meus atrasos em horários e às vezes, em entregas de trabalhos.

Agradeço imensamente a todos os meus colegas da graduação. Todos fazem parte da minha história e estarão guardados com muito carinho em minha memória para sempre. Mas em especial agradeço a minhas grandes amigas Valdélia, Erika, Waleska, Vânia, Anna Paula, Flaiana, Carlene, Marygidiane, Mirla, Leticia, Ellen Jardani e os amigos Olavo, Erlanilson e Nilson, pelos trabalhos em grupo, pelas horas de estudo, pelas vezes que não me deixaram desistir por falta de me sentir capaz. Parte do meu trabalho só se realizou devido a grandes pessoas como estas.

Não posso esquecer-me da oportunidade recebida de poder cursar uma Universidade Federal, no qual era um sonho e isso só foi possível com a chegada da Unilab – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - em minha cidade. Da chance de ter

uma educação intercultural, de ter um aprendizado só com professores doutores, isso é um presente. Da alegria de conhecer um mundo novo sendo repassado diariamente pelos professores, do qual eu antes não tive a oportunidade de viver. Da convivência com pessoas que eu nem poderia ter, se não fosse esse lindo projeto que tem a Unilab. Sou imensamente grata a essa conquistas.

Agradeço a todos que contribuíram para a conclusão desse trabalho, todos que de uma maneira ou de outra cooperaram, pela força e pela amizade.

À família do escritor italiano Primo Levi.

Obrigada a todos!

Cedo ou tarde, na vida, cada um de nós se dá conta de que a felicidade completa é irrealizável; poucos, porém, atentam para a reflexão oposta: que também é irrealizável a infelicidade completa. (LEVI, 1988. p. 17)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar os termos Trauma e Holocausto por meio de investigações teóricas e da interpretação literária da obra *É isto um homem?* (1988), de Primo Levi, com o desejo de entender como a narrativa apresenta diversas configurações de trauma em meio aos contextos da memória e da condição particular do narrador como sobrevivente. Metodologicamente, a obra de Levi é analisada com base em três aspectos relacionados à teoria do trauma, segundo uma abordagem psicanalítica, e com o apoio da Teoria da Literatura, a saber: a interdependência entre os conceitos de trauma e holocausto, procurando observar os elementos da obra que problematizam essa relação; a tentativa de apaziguamento do trauma por meio de experiência narrativa; e a emergência do “trauma da sobrevivência” como fator preponderante para a recorrência dos traços traumáticos iniciais. Nesse sentido, a base teórica se compõe de estudos sobre o trauma, com os trabalhos de Sigmund Freud (1996); a inter-relação entre trauma e escrita literária, por intermédio dos conceitos de Márcio Seligmann-Silva (2003); e discussões sobre o conceito de Holocausto, via estudos de Ariel Fingerman (2012) e Zigmunt Bauman (1989). Espera-se, assim, que a hipótese do “trauma da sobrevivência” possa ser construída e avaliada como resultado desta pesquisa.

Palavras-chaves: Primo Levi, Memória, Trauma, Holocausto, *Shoah*, Trauma de Sobrevivência.

SUMÁRIO

Introdução ...	12
1. Holocausto, trauma e a obra <i>É isto um homem?</i>.....	14
2. A tentativa de apaziguamento do trauma por meio da experiência narrativa	25
3. Considerações Finais	40
4. Referências Bibliográficas	44

Introdução

O tema escolhido para esta pesquisa é o estudo do trauma através da literatura de testemunho. Sendo assim, estipulou-se um estudo teórico em debate à análise literária da obra *É isto um homem?* (1988), de Primo Levi, tendo como objetivo principal a tentativa de configuração do conceito de “trauma de sobrevivência”. Para tanto, buscou-se o estudo das inter-relações entre o conceito freudiano de trauma e o evento histórico do holocausto, problematizando esses espaços teóricos em relação ao processo de escrita literária de testemunho. Nesse ínterim, buscou-se também a discussão das possibilidades da escrita traumática, em particular no que se refere à tentativa de apaziguamento do trauma através da narrativa.

Esta pesquisa se justifica por apresentar uma discussão teórica quanto aos termos “trauma” e “holocausto” através das suas utilizações em narrativa autobiográfica. Nesse sentido, este trabalho é relevante por propor um debate dentro dos campos dos Estudos de Memória, Estudos da Teoria Literária e Estudos do Holocausto, tornando-se importante também porque espera produzir conhecimento original na medida em que se sugere a criação de uma noção epistemológica de “trauma de sobrevivência”.

Para isso, o primeiro capítulo deste trabalho se propõe a uma discussão quanto ao primeiro conceito-chave: o holocausto. Tendo havido uma quantidade bastante significativa de estudos, após o fim da II Guerra Mundial, a respeito do evento do Holocausto, tornou-se importante balizá-lo a outro conceito defendido por muitos estudiosos da condição judaica, a *Shoah*. Dessa forma, o capítulo gira em torno dos debates sobre os dois conceitos, utilizando os estudos de Ariel Fingerman (2012) e Zigmunt Bauman (1989) como elementos centrais da discussão. Em complementação, inicia-se a análise literária da obra de Levi para demonstrar como o discurso literário de testemunho se posiciona, via narrador, frente ao próprio conceito de holocausto.

No segundo capítulo, buscou-se o estudo do conceito de trauma a partir da definição de Sigmund Freud (1996) e com os estudos contemporâneos de Márcio Seligmann-Silva (2003), que aponta uma interseção entre estudos literários e estudos psicanalíticos. Tais

posições teóricas e a análise literária de *É isto um homem?* servem, dessa forma, para a configuração da noção de “trauma de sobrevivência”, que é a hipótese defendida por esta pesquisa.

Nas considerações finais, apresento um panorama do caminho percorrido nos dois capítulos deste trabalho e intenciono, mais do que determinar uma teoria definitiva sobre a questão, apontar possibilidades para estudos futuros.

De modo mais personalístico, gostaria de indicar que a justificativa para a escolha temática desta pesquisa é mais ampla. Um dos motivos que me levaram a delimitar minha área de atuação neste estudo está a minha vivência em sala de aula como estudante. No curso de Introdução aos Estudos da Memória, o professor Rodrigo Ordine apresentou teorias e métodos investigativos do campo dos estudos de memória, bem como relatos de alguns sobreviventes da Segunda Guerra Mundial, em especial Primo Levi, fato que me chamou muita atenção. Tal configuração não só alimentou meu desejo de pensar a temática do holocausto, mas também revitalizou meu desejo de percorrer a licenciatura em História, uma vez que tinha o desejo de compreender melhor os acontecimentos extremos do século XX, entre eles o nazismo.

Assim, analisando um pouco da história de um sobrevivente, encontrei elementos que me levaram a *Shoah*. Além da eliminação física, a *Shoah* representou a eliminação indiscriminada de vestígios de memória, como documentos, fotografias e cartas. Por conta dessa dupla configuração – apagamento material e de memória – muitos sobreviventes passaram a investir no que se chamou de “dever da memória”. A literatura sobre a *Shoah* é extremamente densa, mas o objetivo do atual trabalho é compreender como uma fonte testemunhal específica pode ser analisada e interpretada, pontuando os silêncios, ênfases, ressentimentos, traumas e sentimentos de culpa. É deste local de fala que espero ter atingido meu objetivo.

1. Holocausto, trauma e a obra *É isto um homem?*

A obra literária que será objeto de análise desta pesquisa, *É isto um homem?* (1988), de Primo Levi, é considerada uma das mais importantes obras de memória da história do século XX. Antes de ser publicada, ela chegou a ser rejeitada pela Einaudi, editora mais importante de Turim. Um pequeno editor publicou pela primeira vez em 1947 e apenas 1500 exemplares foram vendidos. Posteriormente, em 1958, a editora Einaudi finalmente publicou a obra, traduzindo-a em diversas línguas. De modo sintético, pode-se dizer que é uma autobiografia na qual o narrador descreve os 11 meses em que viveu no campo de concentração em Auschwitz. Dos 650 judeus que chegaram ao campo na mesma época que ele, apenas 20 sobreviveram. Nela é possível observar uma narrativa de forte cunho traumático. Contudo, antes de se analisar a questão do trauma, venho propor, inicialmente, uma reflexão sobre o Holocausto.

O evento central descrito na narrativa de *É isto um homem?* (1988) pode ser denominado como Holocausto. A discussão da história do genocídio ocorrido na Alemanha durante o governo de Hitler, entre 1933 até 1945, é extensa, ocasionada pela grande comoção causada na sociedade em geral a partir dos primeiros relatos sobre os campos de concentração e o extermínio em massa realizado em suas instalações, ocasionando no que se conheceu como o genocídio de mais de seis milhões de indivíduos, judeus, negros, homossexuais e outras identidades consideradas aquém do padrão ariano propagado pelo regime totalitário de Hitler. Os relatos dos sobreviventes, tidos como fonte histórica, podem ser uma das formas de suprir as lacunas existentes.

Contudo, o uso do termo Holocausto foi problematizado por alguns teóricos, inclusive com posicionamentos contrários a este e em favor da expressão em ídiche, *Shoah*. Intenciono, assim, debater esses dois conceitos antes de enveredar para a análise da obra literária.

De acordo com Zygmunt Bauman (1989), há duas maneiras para se entender o holocausto; uma é apresentar esse evento como algo que aconteceu aos judeus, como um evento da história judaica, tornando-o atípico e sociologicamente inconsequente. Por exemplo, é a apresentação do ponto culminante do antissemitismo cristão-europeu, ou seja,

um fenômeno único e incomparável no denso inventário de preconceitos e agressões étnicos ou religiosos. A outra, é como um caso extremo de grande categoria social considerada abominável e repulsiva, mas com a qual se pode conviver (BAUMAN, 1998, p. 19-20). Na melhor das hipóteses, o holocausto é colocado na categoria mais absurda e horrenda do genocídio.

Segundo Ariel Fingerman (2012), a expressão Holocausto é originário da palavra hebraica הלֹוֶה (*olá*), que significava um tipo de oferenda a Deus no Templo de Jerusalém que precisava ser totalmente queimada a fim de expiar um pecado. Fingerman se vale dessa afirmação com base em referências que podem ser encontradas no livro de Levítico, capítulo 1, versículos que vão do primeiro ao décimo (BÍBLIA SAGRADA, 2005), onde se diz: “E chamou o Senhor a Moisés e falou com ele da tenda da congregação dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: Quando algum de vós oferecer oferta ao Senhor, oferecereis as vossas ofertas de gado, de vacas e de ovelhas” (*Ibidem*, p.105). Ele aponta, assim, que, nos livros de Sofonias, Isaías, Provérbios e Salmos, versículos 1-15; 47,11; 1,27; 35,8, respectivamente, o temor é encontrado com o sentido de “destruição total que acomete um indivíduo ou o coletivo de forma repentina e inesperada, provocando choque” (*Ibidem*, p. 12).

O que Fingerman conclui após essa análise dos excertos bíblicos é que o vocábulo “holocausto” carrega um aspecto de “punição por pecados”, uma vez que, se os judeus foram um sacrifício queimado, implicitamente os nazistas seriam uma espécie de sacerdotes, envolvidos numa missão divina, o que também possivelmente implica que existiu algum pecado do povo judeu que motivou o massacre. (FINGUERMAN, 2012, p. 12). No que tange o uso da expressão *Shoah*, Fingerman aponta que o conceito carrega em si uma busca por um vocábulo especial para expressar que o sofrimento durante a Segunda Guerra Mundial foi sem precedentes dentro da experiência histórica do povo judeu (FINGUERMAN, 2012, p. 12). A *Shoah* foi levada ao debate global e passou a ocupar um lugar central na reflexão judaica e do mundo ocidental em geral. Desse modo, é possível concluir a preferência por Fingerman quanto ao uso de *Shoah* para descrever o evento histórico.

A pesquisa de Lucas Tadeu de Oliveira Maciel e Lucilo Antonio Rodrigues (2013) também se detém sobre a discussão do uso dos termos holocausto e *shoah*. Os autores concluem, em concordância ao que propõe Fingerman (2012), quanto ao significado de

holocausto, noção ligada à prática da reparação de pecados por meio de incineração de corpos (MACIEL & RODRIGUES, 2013, p. 36), e sugerem que a palavra que melhor substitui o termo, é a expressão *Shoah*, que significa calamidade, originária de um dialeto alemão falado pelos judeus ocidentais, o ídiche. Segundo eles, a prática nazista foi um genocídio e não uma manifestação de sacrifício a Deus. Portanto o uso do termo holocausto diminuiria o peso da catástrofe. Assim, após analisar o campo conceitual dos termos Holocausto e *Shoah*, optarei por usar o vocábulo *Shoah* para demonstrar o recorte epistemológico que escolho como base de minha pesquisa.

Embora o debate sobre os termos possa ser extenso, como não se trata do objetivo central desta pesquisa, sugiro encaminhar o raciocínio para pensar as consequências do evento, em especial no que tange a expressão literária de Primo Levi. Contudo, é importante entender que, devido à proporção do evento histórico, a expressão da experiência do vivido se torna, por vezes, complexa. De acordo com Eduardo Garcia (1988)

A história da *Shoah* está inserida numa dificuldade de representação justamente por ser uma literatura caracterizada por “excesso”, pelo testemunho das barbáries acontecidas dentro dos campos de extermínio. A *Shoah* é considerada um evento limite, a própria catástrofe por excelência (p. 3).

Esse evento limite é compreendido por Dori Laub (1995, p. 65 apud. SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 67) como “um evento sem testemunha”, pois não havia possibilidade de alguém conseguir se afastar do local para poder gerar um testemunho preciso. Para Laub, coube aos sobreviventes a tarefa de construir *a posteriori* as experiências vividas através da arte da escrita. Coube a Primo Levi uma proporção dessa construção, através de sua autobiografia, *É isto um homem?* (1988). Ao observar o romance de Primo Levi, vê-se que o narrador trata *Shoah* como um “inferno”, um ato de humilhação para com o ser humano, à medida que o campo se torna um lugar de subordinação, onde o ser humano está sujeito a todo o tempo a um certo tipo de ordem, daquelas que maltratam, como se estivessem sendo tratados como bichos:

Isto é o inferno. Hoje, em nossos dias, o inferno deve ser assim: uma sala grande e vazia, e nós, cansados, de pé, diante de uma torneira gotejante, mas que não tem água potável, esperando algo certamente terrível, e nada acontece, e continua não acontecendo nada. Como é possível pensar? Não é mais possível; é como se estivéssemos mortos. Alguns sentam no chão. O tempo passa gota a gota (LEVI, 1988, p. 25-26).

E ainda são tratados como bichos, na medida em que o tempo vai passando, esses rebaixamentos ficam cada vez mais fortes, fazendo com que o ser humano sintasse inferior.

Eles nos ouvem falando muitas línguas diferentes que não compreendem e que lhes soam grotescas, como gritos de bichos; vêm-nos escravizados ignobilmente, sem cabelo, sem honra nem nome, a cada dia espancados, a cada dia mais objetos, e nunca lêem em nosso olhar uma luz de revolta, de paz, ou de fé (LEVI, 1988, p. 179).

O tom da autobiografia, marcado pela voz do narrador, assinala que o homem livre nunca conseguiria entender o caráter da *Shoah*: ela permaneceria sendo apenas um evento histórico, embora inigualável e incomparável. Segundo o narrador, só quem viveu pôde tentar descrevê-la, mas a descrição acabava por sair despedaçada. Faltavam expressões para dar formato, vida, dimensão à experiência vivida. A impossibilidade de proferir uma voz maltratou o aprisionado não só no campo, como também depois, no momento de liberdade e tentativa de recuperação de uma vida. Essa impossibilidade acabou por sentenciar a voz do liberto a uma voz afônica, passando pela escuridão dos discursos que traziam a morte e carregados de uma falta de enunciação de palavras compartilháveis.

A principal razão da dificuldade de expressão dos sobreviventes, entre eles Primo Levi, residia no fato de que o evento histórico marcou sua existência num nível sobre-humano. A realidade experienciada extrapolou qualquer nível de compreensão, configurando um trauma. Assim, antes de outras análises do texto literário de Levi, abrirei espaço para debater esse conceito central para o desenvolvimento desta pesquisa.

A definição clássica de Freud (FREUD, 1996 [1938], p. 89 apud. BERTA, 2012) se baseia, inicialmente, na ideia de que “traumas são experiências sobre o próprio corpo do

indivíduo ou *percepções sensoriais*, principalmente de algo visto ou ouvido, isto é, experiências ou impressões”, configurando o que ele depois caracterizará, segundo Leopoldo Fulgencio (2004), como “uma excitação não descarregada” (FULGENCIO, 2004. p. 1). O conceito freudiano de trauma foi sendo construído a partir das conclusões que o psicanalista fazia à medida que tratava de seus pacientes neuróticos, em especial, no que tangia a histeria. Freud observou que seus pacientes sofriam por causa de acontecimentos reais ou fantasiados ocorridos no passado, marcados pelo signo da extrapolação, uma vez que não havia compreensão racional que pudesse ser totalmente assimilada quando da ocorrência de um evento. Assim, ele pontuou:

Pode-se mesmo dizer que o termo “traumático” não tem outro sentido que econômico. Chamamos assim a uma experiência vivida que leva à vida da alma, num curto espaço de tempo, um acréscimo de estímulos tão grande que sua liquidação ou elaboração, pelo meio normal ou habitual, fracassa o que não pode deixar de acarretar perturbações duradouras no funcionamento energético (FREUD, 1916-17, p. 275).

Então conclui-se que a noção freudiana estabelece que o trauma é um acontecimento de natureza psíquica, no qual o indivíduo está sujeito a uma excitação que não pode ser eliminada, seja por proibição seja por incapacidade devido ao momento de seu desenvolvimento psíquico (FULGENCIO, 2004. p. 6). Uma das formas de tentar expor essa excitação é a narrativa, a fala. Assim, a linguagem tenta cercar e dar limites àquilo que não foi submetido a uma forma no ato da sua recepção destacando uma repetição constante por parte do indivíduo que passou por um trauma violento. Sobretudo, a incapacidade de representar o vivido determina a repetição das narrativas.

Mas, na elaboração de sua noção de “trauma”, Freud aponta ainda a exigência de que, desde o início da ocorrência de um evento, é preciso haver um indivíduo consciente, isto é, uma unidade que reconhece em seu interior um desejo, um desejo que é vivido como algo a ser exposto; um desejo que é, inclusive, vivido como um conflito entre os desejos de uma mesma unidade; mais ainda, esse indivíduo já precisa estar ciente de seus desejos para estabelecer relações com um mundo fora do seu. Contudo, para ele, a descrição dos fatos diz

apenas como as coisas se apresentam e não como elas são produzidas, o que deixa lacunas nas explicações, essas lacunas podem ser preenchidas com o auxílio de conceitos e modelos especulativos que ajudam na observação e organização dos dados empíricos (FULGENCIO, 2004, p. 7).

Valendo-se das teorizações de Freud, o pesquisador Márcio Seligmann-Silva (2008), encaminha seu pensamento para analisar o trauma como uma busca de compromisso entre o trabalho de memória individual e outro construído pela sociedade. Sua preocupação quanto à memória se traduz no argumento de que a memória consiste em tornar conscientes as lembranças recalçadas. Todavia, a memória é campo impreciso e, como pode ser modificada por vários fatores e através de muitos mecanismos, as lembranças podem não coincidir com os acontecimentos em si. Dessa forma, o processo memorialístico pode passar por várias transcrições, em particular porque o tempo de irrompimento da memória é sempre o presente. Assim, a memória articula-se com a noção de *a posteriori*, um passado que se realiza num presente, resultando em material processado, no qual a experiência anterior é complementada, suplementada ou mesmo substituída, no contexto, por experiências atuais. Isso traz como dificuldade a ideia de que, através da memória, nunca entramos em contato com o acontecimento original, mas sim com a descrição dele, constantemente sujeita às deformações da memória.

É dessa maneira que se precisa compreender que, em se tratando de relatos de testemunhos, a possibilidade de uma “verdade” a ser retranscrita necessita ser balizada: a memória traumática baseia-se no registro de representações. Por outro lado, no lugar do “representado”, os relatos darão conta do “agido”, e no lugar da “lembrança”, a repetição da ação. Dessa forma, o trauma se inscreve e passa a atuar de se modo mais duro: a reiteração da dor.

Nessa linha de pensamento, embora testemunhar seja uma condição de sobrevivência para a vítima, o testemunho só existe sob o signo de seu colapso e de sua impossibilidade: narrar o trauma, nas palavras de Seligmann-Silva, é ir de encontro à dificuldade em traduzir em palavras o excesso vivido, uma vez que existe o inevitável diferencial entre o vivido e o dito (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 67). Nesse sentido, pode-se, ainda, dizer que a narrativa testemunhal é uma forma bastante diferente da tradicional, visto que o trauma inviabiliza o

acesso do sujeito ao simbólico e funciona como um esforço do sujeito em conter a experiência de horror, tornando-se impossível de ser narrado pelas vias tradicionais devido ao excesso. Assim, observa-se o deslocamento de quem se encontrou exposto ao choque de uma situação, do lugar de impotência causado pelo estado de desamparo ou pela violência da situação traumática.

No que tange o romance, a postura assumida pelo narrador de *É isto um homem?* (1988) aponta o trauma como uma ideia que a memória possibilita a recuperação de uma identidade que foi perdida durante o convívio com muito sofrimento e dor, em um campo de concentração, fazendo-se necessária a ideia de transcrever os sofrimentos experienciados para que possa fazer uma história a partir desses fatos narrados:

A necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior (LEVI, 1988, p. 8).

Embora o narrador esteja certo da necessidade de narrar, seu testemunho irá apresentar limitações quanto ao modo de fazê-lo: sua narrativa traz como componentes a dificuldade de narrar o trauma em sua literalidade, bem como, a necessidade primordial de credibilidade do sobrevivente em relação a quem a narrativa é direcionada:

Bem sei que, contando isso, dificilmente seremos compreendidos, e talvez seja bom assim. Mas que cada um reflita sobre o significado que se encerra mesmo em nossos pequenos hábitos de todos os dias, em todos esses objetos nossos, que até o mendigo mais humilde possui: um lenço, uma velha carta, a fotografia de um ser amado (LEVI, 1988, p. 32-33)

O sentimento de perplexidade do narrador quando defrontado com as muitas lacunas e faltas inexplicáveis em seu relato caracterizam a indizibilidade do testemunho, que ganha com este aspecto um peso inaudito, em alguma medida. Contudo, por trás desse processo, há

o desejo do narrador de evitar que o apagamento dos locais e das marcas das atrocidades ocorridas se realize, e, assim, mesmo em dúvida quanto à credibilidade de seu relato, afirma:

“Aqui estou, então: no fundo do poço. Quando a necessidade aperta, aprende-se em breve a apagar da nossa mente o passado e o futuro” (LEVI, 1988, p. 48). Embora fique nítido o medo do narrador de que seu relato seja onírico, sua tarefa será levada a cabo e a narrativa será continuada.

Por outro lado, quando se trabalha com relatos traumáticos, deve-se fugir da busca pela verdade documental dos eventos narrados, pois a cada indivíduo a realidade se apresenta de uma forma diferenciada, gerando variadas formas de narrar um evento. Se o próprio discurso histórico já foi problematizado, pela área da Nova História, quanto ao seu caráter construtivo, o que se esperar de um relato de peso exclusivamente subjetivo? É importante reafirmar que, como também defendem Gabriela Maldonado e Maria Cardoso (2009), a experiência traumática é aquela que não se representa em sua totalidade, mesmo deixando marcas inapagáveis na memória. Assim, há um aspecto psicanalítico sobre o trauma que está ligado a um espaço “intransmissível” da experiência traumática, pois os personagens nunca conseguem transmitir exatamente o horror pelos quais passaram. A linguagem jaz como articulador limitado, unindo dois pontos de um círculo: a necessidade de relatar e a impossibilidade de o fazê-lo, uma vez que “it is not experience that organizes expression, but the other way around – expression organizes experience”¹ (VOLOSINOV, 1973, p. 85).

Por outro lado, os relatos de eventos traumáticos de grande porte envolvem dois movimentos complementares: o primeiro está relacionado ao modo como um indivíduo se apropria dos acontecimentos de sua história; já o segundo reflete o modo que ele representa o passado, e este passado, em grande medida, traz um elemento de coletividade. Assim, os estudos sobre o trauma ampliaram-se para reflexões coletivas que vão além das questões voltadas apenas para o sujeito na sua individualidade. Isso não quer dizer que foram perdidas as fronteiras entre o individual e o coletivo, apenas constatou-se que a experiência individual traz as marcas da submissão à violência coletiva. Assim, o sujeito retrata uma memória dolorosa que concerne ao fato de pertencer a uma dada comunidade. À vista disso, no

1 “não é a experiência que organiza a expressão, mas ao contrário – a expressão organiza a experiência”.
(Tradução minha)

extermínio propalado pela Segunda Guerra Mundial, tem-se não somente uma atitude bélica para oferecer aos homens segurança e garantia de suas próprias vidas, mas a prática de estratégias e táticas refinadas de crueldade que se consolidaram em um tipo de violência destrutiva. Entretanto, o discurso histórico, até mesmo pelo seu *modus operandi*, transmitiu apenas o núcleo duro da experiência. Os relatos dos sobreviventes possibilitam, por outro lado, compreender aquilo que, paradoxalmente, mantém-se incompreensível.

Entender a experiência traumática e sua estrutura não é apenas uma manobra teórica, visto tratar-se de um fundamento ético. Uma vez afirmada à dimensão positiva das consequências do trauma, pode-se reconhecer as posições subjetivas e a implicação social de seus agentes (traumatizante e traumatizado) salientando, com isso, que o trauma pode ser compreendido com o surgimento de uma lembrança no instante de ameaça para o sujeito, isto é: a memória do traumatizado anuncia a história dos sobreviventes, mas não o seu silêncio. Sendo assim, o traumatizado pode tentar escrever no desejo de atualização de sua experiência, buscando produzir escritas, em termos de elaboração, para distanciar-se o quanto seja possível das agruras concernentes à violência sofrida. Sabe-se que nem sempre o sujeito dispõe de condições de produzir essa escrita tão logo se livre da situação violenta e, no caso de Primo Levi, que só após algum tempo à sua saída de Auschwitz pôde divulgar as atrocidades vividas no campo. Muitas vezes, é preciso um distanciamento temporal ou mesmo a invocação de uma amnésia antes da postura voltada para o inventar dessa escrita, quando é possível fazê-lo.

Como exemplo, a análise da linguagem utilizada na narrativa de Levi possui um caráter duro, tentativa de uma ligação linguagem-realidade, numa busca de aproximação da rigidez dos campos e da luta pela sobrevivência daqueles que se viam como animais sem nenhuma humanidade:

Justamente porque o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais, não devemos nos transformar em animais; até num lugar como este, pode-se sobreviver, para relatar a verdade, para dar nosso depoimento; e, para viver, é essencial esforçar-nos por salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização. Sim, somos escravos, despojados de qualquer direito, expostos a qualquer injúria, destinados a uma morte quase certa, mais ainda nos resta uma opção. Devemos nos esforçar por defendê-la a todo custo, justamente porque é a última: a opção de recusar nosso consentimento.

Portanto, devemos nos lavar, sim; ainda que sem sabão, com essa água suja e usando o casaco como toalha. Devemos engraxar os sapatos, não porque assim reza o regulamento, e sim por dignidade e alinho. Devemos marchar eretos, sem arrastar os pés, não em homenagem à disciplina prussiana, e sim para continuarmos vivos, para não começarmos a morrer (LEVI, 1988, p. 55).

A desumanização do indivíduo talvez tenha sido o principal tema da narrativa de Levi que, verificando sua transformação corporal, menos homem, mais animal; menos delineado, mais disforme, leva-o a uma dificuldade de se reconhecer a si mesmo:

Aqui estou, então: no fundo do poço (...). Empurro vagões, trabalho com a pá, desfaleço na chuva, tremo no vento; mesmo meu corpo já não é meu; meu ventre está inchado, meus membros ressequidos, meu rosto túmido de manhã e chupado à noite; alguns de nós têm a pele amarelada, outro cinzenta; quando não nos vemos durante três ou quatro dias, costumamos a reconhecer-nos (LEVI, 1988, p. 48).

Em complementação aos maus tratos causados pelo trabalho forçado, as práticas nazistas nos campos de concentração visavam retirar a consciência moral de suas vítimas, através da exclusão de suas identidades, para que se sentissem um número e não indivíduos: “Häftling: aprendi que sou Häftling. Meu nome é 174.517; fomos batizados, levaremos até a morte essa marca tatuada no braço esquerdo (...). Necessitamos de vários dias e de muitos socos e bofetadas, até criarmos o hábito de mostrar prontamente o número” (LEVI, 1988, p. 33-34).

A (não)condição humana se torna tão central no relato que a escolha do título da obra a referencia: o narrador reitera interrogações variadas para refletir tanto sobre a condição dos prisioneiros do campo de concentração quanto dos carrascos: são de fato homens? Por conseguinte, a pior morte no campo não era aquela que juntava e sufocava os prisioneiros nas câmaras de gás, mas aquela que tirava aos poucos os pedaços de alma, esperança, dignidade e que aos poucos apagava a luz que ainda restava em cada sentimento:

Aqui a luta pela sobrevivência é sem remissão, porque cada qual está só, desesperadamente, cruelmente só (...) e se alguém, por um milagre de sobre-humana paciência e astúcia, encontrar um novo jeito para escapar ao trabalho mais pesado, uma nova arte que lhe propicie uns gramas de pão a mais, procurará guardar seu segredo, e por isso será apreciado e respeitado, e disso tirará uma própria, exclusiva, pessoal vantagem; ficará mais forte, e, portanto será temido, e quem é temido é, só por isso, candidato à sobrevivência (LEVI, 1988, p. 129).

Não obstante já não se sentisse humano enquanto cativo, é possível afirmar que o narrador de *É isto um homem?* recuperou sua humanidade/dignidade após sua libertação?

Uma vez tratados os termos “Holocausto” e “Trauma”, e tendo-se observado como a narrativa literária apresenta os meandros da experiência da *Shoah*, gostaria de, em sequência, refletir sobre a questão: é possível, eventualmente, livrar-se dos fantasmas do trauma? É possível reescrever-se e atingir uma pacificação através da narrativa? Para buscar respostas, proponho estender a reflexão para o próximo capítulo.

2. A tentativa de apaziguamento do trauma por meio da experiência narrativa

A memória pode ser vista, por uma abordagem mais neurológica, apenas como a capacidade de reter traços de informação durante a ocorrências de experiências variadas que excitam o sistema nervoso através dos sentidos. Contudo, nesta pesquisa, ela deverá ser entendida num âmbito maior, possuindo uma característica superior ao simples armazenamento de dados. Sendo a memória aqui tratada aquela dos sobreviventes dos campos de concentração alemães durante a II Grande Guerra, nomeadamente Primo Levi, deve-se ter em mente uma compreensão caleidoscópica do termo: co-construtora de identidades individuais e coletivas, repositório de formas de conhecimento sociais e culturais e, em especial, articulador necessário às escritas de cunho autobiográfico.

O termo tem passado por constantes revisões conceituais nos últimos quarenta anos, época em que os estudos das áreas de Teoria da Literatura e das Ciências Sociais reposicionaram certos elementos que se ligam diretamente ao termo: a revisão dos limites entre ficção e fato, margeados por uma nova forma de se entender o discurso ficcional. Uma vez que a ficção passa a ser compreendida não mais como o oposto da verdade, a memória passa a ser encarada como uma ferramenta mais potente para articular os modos através dos quais a memória reposiciona fatos históricos, construções sociais e conhecimento de toda forma.

Para os estudos das obras literárias produzidas sob a égide do trauma, construiu-se o conceito de “literatura de testemunho”, termo que passou a representar toda e qualquer produção cujo olhar se detivesse numa vivência marcada por situações de radical transformação da realidade. Da mesma forma, o grau hierárquico superior antes atribuído aos relatos autobiográficos de indivíduos responsáveis por algum grande feito (político, histórico, entre outros), começa a ser balizado por produções dos indivíduos ditos comuns, sem a aura dos líderes e/ou representantes de grupamentos sociais, mas que são aceitos como testemunhas oculares do fazer histórico ordinário, isto é, daqueles que vivenciam experiências traumáticas cotidianas.

Recuperando os dados informados no capítulo anterior, em particular quanto à teoria de Márcio Seligmann-Silva (2003), o que marca uma literatura de testemunho é um excesso de realidade, contudo o que configurará o testemunho enquanto narração é uma falta, isto é, uma ruptura entre o evento e a linguagem, “a impossibilidade de recobrir o vivido (o 'real') com o verbal” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 46). Nesse embate, a proposição de Seligmann-Silva é de que somente a arte pode, pela ferramenta da imaginação, utilizar-se de uma “linguagem entravada” para enfrentar o “real”, mesmo que sem uma possibilidade de que a experiência de um evento seja (re)vivida e compreendida em sua totalidade.

Como articulador fundamental à escrita autobiográfica (e testemunhal), a memória, então, vem a ser o elemento central deste capítulo. Inicialmente, far-se-á uma análise de características que estão envolvidas na compreensão do termo como se acredita satisfatório.

Uma característica a ser levantada é o caráter fragmentário da memória. Para Beatriz Sarlo (2007), a memória é sempre incompleta. No caso das memórias de traumas, os lugares e o tempo estão perdidos naqueles que testemunharam o inimaginável: “nessa viagem, ela (imaginação) aprende que a história jamais poderá ser totalmente contada e jamais terá um desfecho, porque nem todas as posições podem ser percorridas e sua acumulação tampouco resulta numa totalidade” (SARLO, 2007, p.42). Nessa característica, o que determina o maior ou menor grau de fragmentação dos dados da memória é o modo como o indivíduo lida com a realidade que lhe é apresentada. O ato de recordar abrange várias capacidades cognitivas, desde aquelas que permitem lembrar um episódio pessoal até aquelas necessárias para escrever um livro narrando a história de uma vida. Certamente, há eventos que causam em si a marca duradoura, mas há eventos que se tornam marcantes com o passar do tempo. De um modo ou de outro, o que está subentendido na recuperação de eventos pessoais são as disposições de memorizar eventos e de julgá-los reflexivamente, como demonstram Gustavo Gauer e William Barbosa Gomes (2008, p. 507).

Os mesmos autores ainda defendem que a modelagem da memória autobiográfica agrega-se com a compreensão das diversas fases ao longo do ciclo da vida. Nesse sentido, memórias de eventos marcantes compõem marcos definitivos na organização da história de vida do indivíduo. A recordação de eventos pessoais é também um julgamento do que se está lembrando e do ato de lembrar em si, por meio de uma série de análises, que variam do pré-

reflexivo ao reflexivo, isto é, julgamentos que acontecem de forma instantânea e fundamentam-se em elementos da própria representação e com a intensidade das imagens; enquanto que o reflexivo se volta para o ato de conhecer a si mesmo e produzir conhecimento a cerca do mundo (GAUER, 2008. p. 508). A memória traumática, por certo, configura-se como pré-reflexiva.

A memória autobiográfica poderá, então, ser percebida como um tipo especial de articulação da memória, emoção e julgamento. Essa articulação é o que propicia a nós avaliarmos o mundo e a nós mesmos e nos apropriarmos de nossa experiência de uma maneira aparentemente singular da natureza.

A autora Daniela Werneck (2013), afirma que através das narrativas, poderá se encenar o que já está em outro tempo, recuperável apenas para as lembranças atravessadas pelo vazio. Fazer os sujeitos articularem, agirem e viverem por meio das narrativas autobiográficas só é possível por meio dos silêncios e das destruições impostas por uma realidade não mais lembrada no que existe do real vivido. O narrador de si, ou seja, o que narra sua experiência, dessa forma, preserva a sua história na memória pessoal e coletiva, possibilitando, com isso, o seu ressuscitar. Permanece, então, como reprodução de um vazio encenado pelo passado, porém carregado de simbologias de um silêncio agora ouvido. Ele é trazido novamente à vida por meio da narrativa, pois as palavras fazem com que esse narrador sobreviva (WERNECK, 2013, p.53). Contar sobre algo que se considera traumático, entende-se como um ato de coragem, de tentativa de sobreviver e fazer memória para gerações futuras. A partir desse momento, o ausente que agora é apenas uma lembrança, morto pelo trauma, nasce das cinzas e das ruínas, por sua narrativa. Por isso essas existências trazidas de volta, verdadeiras apenas por meio das palavras, são quebradas, já que a lembrança completa e a rememoração total são impossíveis, pois as lembranças são únicas.

É a partir da relação entre essas duas características (embora não sejam as únicas envolvidas nos mecanismos de memória) que se propõe a hipótese deste capítulo: é possível, então, harmonizar o passado traumático e expurgar os fantasmas do presente?

Roney Cytrynowicz (2003) defende que

A memória procura um sentido e encadeia-o em outras construções que, do ponto de vista da identidade pessoal, fazem sentido, criam nexos e explicações, constroem uma espécie de auto-história. *A memória procura sempre apaziguar os conflitos, fechar as feridas, restaurar as ruínas, silenciar as dores*; ela tem compromisso com a subjetividade, com a reconstrução de uma história pessoal que precisa encontrar saídas viáveis, até mesmo do ponto de vista psíquico, para reconstruir uma vida, um futuro, e isso por mais que ela conte das dores e das feridas (p. 131-2, *grifo meu*).

Proponho partir do pressuposto de que, no caso da obra *É isto um homem?* (1988), a narrativa de Levi, embora impressionante, não tenha conseguido apaziguar seus traumas em seu tempo presente. Para defender essa posição, começo por argumentar, em concordância ao que define Rodrigo Ordine (2011), que as nossas memórias não nos fazem cientes dos acontecimentos passados, mas apenas nos conscientizam daquelas ideias que são assim identificadas, na situação presente, como expressão consciente de acontecimentos passados e, muitas vezes, essas memórias cumprem o papel de gerar adaptabilidade a uma situação presente não mais identificável. Contudo, tal adaptabilidade serve mais a uma manutenção de um estado de crise do que ao cumprimento de um papel pacificador de conflitos e, assim, as memórias do desconforto parecem ser sintomáticas de uma configuração de indivíduo que, marcado pelos fatos de uma vida, não vê na linearidade cronológica um alívio para a mente inquieta do presente.

Ao analisar as condições humanas dentro dos campos de concentração, a autora Joselaine Brondani Medeiros (2009) percebe os traços da memória narrativa que Primo Levi registrou no dia a dia do universo de Auschwitz. No campo gelado, havia um mundo à parte, onde não se era mais uma pessoa, mas um pacote que rolava em direção a um destino desconhecido. Na prisão, o tempo era outro, o corpo era outro, tudo mudava para uma ordem e para uma lógica, nas quais os judeus não eram mais nada. O vazio começava a ser vivido. A memória de Levi, depois de anos, sempre acabava voltando ao tempo do cárcere e desenhava esse cenário vazio, aniquilador, no qual até a natureza se compadecia do sofrimento dos presos: o sol no inverno era fraco, tímido; o vento uivava à noite; a neve caía como finas lágrimas, representando o coração e a mente deles, congelados, encruzilhados entre o heroísmo e a covardia, entre a lucidez e a loucura. O medo era diário, até o olhar para o céu apavorava, já que estava vermelho da fumaça vinda das chaminés dos crematórios. Eram

tantas pessoas que morriam que não havia mais espaço nos fornos e, em decorrência disso, muitas foram queimadas a céu aberto, exalando um odor de carne queimada que impregnava o ar (MEDEIROS, 2009, p. 87).

Nesse sentido, Medeiros faz uma reflexão e fala sobre vários aspectos e formas encontradas pelos prisioneiros para continuarem vivos. A comunicação interna no campo de concentração se apresentava limitada, onde tamanha era a profusão de idiomas. Contudo, nem sempre era preciso usar linguagem verbal para se comunicar: os olhos diziam tudo, eram olhos sem esperança, olhos amargos, tristes, gastados pela dor; as aparências eram pálidas e enrugadas, com expressões de lamentação, de saudade e de ódio. O campo era, desse modo, a negação do sentimento e da subjetividade (MEDEIROS, 2009, p. 90). No ambiente interno, como nos alojamentos, Levi descreveu que todos ficavam amontoados, tendo que dividir a cama e o mínimo espaço com outros companheiros. O dormitório só continha beliches, eram:

cento e quarenta e oito beliches de três camas cada um, encaixadinhos um no outro como células de colméia, de modo aproveitar todo o vão, até o teto, e dividido em três corredores (...). As camas são de tábua removíveis, cada uma com um fino colchão de palha e dois cobertores. Os corredores são estreitos, que mal dão para duas pessoas se cruzarem; o espaço disponível é tão pequeno, que os moradores de um Bloco só cabem nele quando a metade está deitada nos beliches (LEVI, 1988, p. 41-42).

Medeiros (2009) ainda relata que, havia os piolhos, as sarnas, as pulgas e os percevejos para atormentá-los durante as poucas horas de sono. As operações de desinfecção, realizadas de quatro em quatro meses, não conseguiam extinguir as pragas, que continuavam se proliferando. Muitos presos estavam cheio de crostas, que, de tanto coçar, sangravam e viravam feridas feias, outros estavam com tuberculose, outros ainda com disenteria. Os lençóis, quando existiam, eram cheios de pus, sangue e excrementos dos que adoeciam e já não residiam o inferno (MEDEIROS, 2009, p.90).

Contudo, relembrar a noite no cárcere, segundo Medeiros (2009) era sentir que o corpo estava fraco, dolorido e que as pragas aborreciam não deixando o sono chegar e, quando este chegava, era invadido por algum acaso não o deixando ficar em paz. Os doentes

gritavam, não aguentando suas dores, vomitavam sangue, urinavam-se, os pesadelos faziam com que eles lamentassem e chorassem mesmo durante o sono. Além do que, dormia-se com um olho aberto e com o ouvido atento para não ser furtado e para não ter que esvaziar o balde, cheio de urina (MEDEIROS, 2009, p.90). A lei concedia que o último a usá-lo no momento em que estivesse transbordando, tinha que esvaziá-lo na privada. Isso era mais uma tortura, já que era pesado, era um “obsceno tormento, uma vergonha indelével” (LEVI, 1988, p. 87).

Levi lembrou que, quando as unhas cresciam, eles tinham que cortá-las com os dentes; se soltasse um botão do casaco, este deveria ser cosido com arame; a trouxa com os pertences pessoais, com a gamela e os talheres, tinha que ser levada sempre junto, por causa dos furtos; se o sapato apertasse, o dono deveria, à noite, apresentar-se à cerimônia de troca de sapatos. Isso dependia da habilidade do sujeito, pois, além de se trocar apenas um sapato, deveria ser medida a olho nu, não sendo permitida outra troca.

A morte começava pelos sapatos. Eles se revelavam para a maioria de nós, verdadeiros instrumentos de tortura que, após uma hora de marcha, criam feridas dolorosas, sujeitas à infecção na certa. A gente, então, caminha como se tivesse uma bola de ferro amarrada no pé (daí, a estranha andadura do exército de fantasmas que a cada noite volta em formação de marcha); sempre chega por último, e sempre apanha; se perseguido, não consegue fugir; seus pés incham e, quanto mais incham, mais insuportável torna-se o atrito com a madeira e a lona dos sapatos (LEVI, 1988, p. 44-45).

Acredita-se que, o que mais marcou a mente de Levi foi a música da banda do campo, cantada no início da manhã e no final da tarde. Simbolizava a marcha para o trabalho e a recolhida, depois de um dia cansativo, com o gasto das poucas reservas de energia. Os alemães sentiam-se prazerosos em tocar instrumentos musicais, e as músicas eram clássicas, de compositores famosos, confirmando um gosto pelo estético. A banda, no campo de trabalho de Levi, tocava todos os dias, principalmente nos dias das seleções, no galpão, onde os escolhidos eram contados e, a passos sincronizados, marchavam para a câmara de gás. A música retumbante zunia na cabeça de Levi, fazendo-o perder o sono:

As músicas são poucas, talvez uma dúzia, cada dia as mesmas, de manhã e à noite: marchas e canções populares caras a todo alemão. Elas estão gravadas em nossas mentes: serão a última coisa do Campo a ser esquecida: são a voz do Campo, a expressão sensorial de sua geométrica loucura, da determinação dos outros em nos aniquilar, primeiro, como seres humanos, para depois matar-nos lentamente (LEVI, 1988, p. 70).

Ainda em concordância com a autora, acredita-se que o escritor sabia que o amanhã era incerto, era um homem esperto, culto e, mesmo que não fosse, tinha olhos: via a deterioração, sentia-a no próprio corpo, via a fumaça, via os seus colegas sujos, cheirando mal, rastejando, gemendo, as suas vozes que já não conseguiam exprimir nenhum conteúdo distinto, só dor. Era a declínio de muitos; o triunfo de poucos. O triunfo era conseguido de modo exclusivo, internamente no campo, devido ao sistema de comércio, com leis próprias e insensíveis. Os presos logo aprendiam que tudo podia ser furtado e que tudo era passível de compra e venda o que poderia beneficiar alguns prisioneiros, geralmente os mais astuciosos, corajosos e destemidos. Muitos objetos eram obtidos, através do roubo e da associação dos soldados SS. O pão era a moeda oficial dos detidos. Dentre outros objetos comercializados, estavam as roupas, o cigarro e as colheres. Havia intrigas, brigas entre os próprios amigos, porque lá ninguém era para ser amigo de ninguém, tanto que, quando os laços entre duas ou três pessoas se apertavam, eram comuns as transferências. Isso para que não existissem união e possibilidade de rebelião ou boicotagem. O regime e os SS queriam formar um mutirão de presos-robôs brutos, iguais aos homens da caverna, cuja luta era somente pela sobrevivência. O mais forte sobrevivia, o que tinha audácia de passar por cima do outro, o que pensava somente no seu bem-estar. A lei da selva era “cada um por si e ninguém pelo outro”, era individualista, desumana, hostil (MEDEIROS, 2009, p.95). Os mais fracos caíam; eram tragados pela boca gigante dos fornos crematórios.

Como os indivíduos estavam em estado de sujeição, qualquer situação excepcional, que apontasse para uma possibilidade de sobrevivência, era aceita. Os subjugados não refletiam duas vezes em trair ou entregar algum companheiro para a seleção, desde que a sua pele fosse livrada. O campo era cruel e, por conseqüência, tornava o homem cruel. No campo, não havia diferença entre certo ou errado, bem ou mal; essas palavras não existiam, isto é, não

estavam no vocabulário do campo e na linguagem usual dos seres que lutavam por mais um dia de vida.

O *Ka Be*, sigla de *Krankenbau* (enfermaria), era o cliente principal e receptor dos roubos. Lá se entrava com a colher e se saía sem ela. Todos os objetos eram comercializados na bolsa (comércio negro) pelos enfermeiros. Eles também lançavam de novo no mercado as roupas e os sapatos dos “selecionados”. O *Häftling* que conseguisse adquirir algum produto no comércio negro poderia alcançar algum benefício ou suplemento de sopa para enganar a fome crônica. Por comida, o preso chegava a extrair as coroas de ouro dos dentes, sem anestesia. Esta dor era fraca perto da dor da fome (MEDEIROS, 2009, p. 95-96).

Todos esses acontecimentos, mesmo que em *flashes* ou fragmentos, ficaram presos na memória do químico Primo Levi, ele falou de Auschwitz, experimentou a necessidade incontrolável de contar o que havia ocorrido. Ele primeiro queria contar aos familiares, aos amigos, a quem encontrava na rua, no mercado, no trabalho; depois, passou a escrever à máquina, à noite, para não esquecer nada, para deixar registrado (MEDEIROS, 2009, p.96). Estes registros são, contudo, apenas fagulhas, devido à dificuldade de expressar com palavras os acontecimentos exatamente como eles aconteceram. A realidade excede os seus dados factuais.

Nada no Campo era como a vida de um cidadão livre. As palavras ecoavam diferentes, tinham outra carga semântica, eram vividas com toda a magnitude. Falar em “frio” era passar frio ao extremo; sentir “fome” era passar fome até desmaiar, sucumbir; sofrer com a dor era sentir uma dor aguda, encarando tanto a tortura física como a psicológica:

Dizemos “fome”, dizemos “cansaço”, “medo” e “dor”, dizemos “inverno”, mas trata-se de outras coisas. Aquelas são palavras livres, criadas, usadas por homens livres que viviam, entre alegrias e tristezas, em suas casas. Se os Campos de Extermínio tivessem durado mais tempo, teria nascido uma nova, áspera linguagem, e ela nos faz falta agora para explicar o que significa labutar o dia inteiro no vento, abaixo de zero, vestindo apenas camisa, cuecas, casaco e calça de brim e tendo dentro de si fraqueza, fome e a consciência da morte que chega (LEVI, 1988, p. 182).

Vale ressaltar que na narrativa de Primo Levi, vemos uma diversidade de aspectos que representam um trauma, nos quais, nos traz uma ideia de que a memória possibilita a recuperação de uma identidade que foi perdida durante o convívio de muito sofrimento e dor, em um campo de concentração, fazendo-se necessária a ideia de transcreever os sofrimentos já sofridos, para que possa fazer uma história a partir desses fatos narrados. Contudo, ele sempre questionava se valia a pena recuperar e deixar registros do que ele testemunhou no campo. Se, por um lado, ele pensou em sua escrita como uma espécie de dever de memória que pode resultar em um legado para gerações futuras, evitando, assim, a repetição de barbáries como essa, por outro lado, ele sentiu a necessidade de esquecer, tamanha foi a vergonha daquilo que os nazistas chegaram a fazer com os prisioneiros. “Falamos de muitas coisas naquelas horas; fizemos muitas coisas; mas é melhor que não permaneça na memória” (LEVI, 1988, p.16).

O tema que Levi trata, segundo Mario Barenghi (2005), a partir da ideia de descrever o trauma, é que sendo autobiografado, é o de vítima e ao mesmo tempo membro da história; isto é, de ser objeto e alvo ao mesmo tempo. O que torna a experiência pessoal interessante de ser narrada, ou melhor, o que torna a seu relato indispensável é um destino não desejado, não procurado e em grande medida inesperado, um destino de refugio. O que está em jogo, como sempre acontece nas fases cruciais da tradição autobiográfica, é a definição de uma identidade. No entanto, em vez da descoberta ou da conquista de uma identidade individual, agora se fala de uma identidade negada (tanto ao indivíduo quanto aos que sobreviveram em seu conjunto); ou, mais precisamente, da imposição feroz de uma não-identidade, que denuncia o extermínio físico. Longe de pressupor um enriquecimento ou uma regeneração, o trabalho autobiográfico se funda numa experiência sofrida. O leitor é convocado a desempenhar o papel da testemunha, assumindo as responsabilidades que derivam desse ato (BARENGHI, 2005). A necessidade de narrar desencadeou uma carência absoluta, a fim de fazer “os outros” participantes do acontecimento por meio de representações. A narrativa seria uma ferramenta essencial para a ruptura dessa barreira, pois permite a reconstrução da sua casa, sobretudo, é composta pelo desejo de renascer. O testemunho foi a forma encontrada pelo sobrevivente para se manter vivo, pois havia nele uma insuficiência de articular um sentido para sua experiência de distinguir o real e o irreal sendo a consciência colocada em crise de sustentação, uma vez que as experiências ficam fixadas por perceber tão inacreditáveis, inexplicáveis e inverossímeis o que resultou com que o sobrevivente se

sentisse submerso por pesadelos e silêncios, sobretudo, a dificuldade de assemelhar o ocorrido, entravam em crise.

As autoras Deiver Barros Silva e Fernanda Linhares Pereira (2013), afirmam uma preocupação de Levi quanto à rejeição da narrativa aparece ao relatar os sonhos comuns que assolavam os prisioneiros, os quais, ao tentarem contar suas recordações, encontravam-se na condição de não serem ouvidos (SILVA & PEREIRA, 2013, p. 62). Lembrando que a questão que se apresentava, era o medo de não ter crédito, pois os absurdos acontecidos deixaram rastros, nos quais houve a tentativa de apagamento pelos soldados nazistas, sabendo que, mesmo diante dessa atrocidade, os testemunhos foram aceitos e reconhecidos, tornando-os instrumento de luta contra as violências sofridas no campo de concentração:

Conto também a história da nossa fome, e do controle de piolhos, e do Kapo que me deu um soco no nariz e logo mandou que me lavasse porque sangrava. É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa pra contar, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. Parecem indiferentes; falam entre si de outras coisas, como se eu não estivesse. Minha irmã olha para mim, levanta, vai embora em silêncio (LEVI, 1988, p.85).

A narrativa é, constituída em alguns momentos como algo irreal, onde ele se pergunta em vários momentos se tanto os prisioneiros quanto os soldados, são realmente seres humanos, vendo que, o grau de degeneração é presente em cada um deles. Sobretudo, esses soldados, chamados de Kapos, antes de entrarem nos campos, já têm perdido sua humanidade a partir do momento em que assimilam as ideias nazistas, conduzindo um espírito de ódio contra seres humanos tidos como inferiores, não só pela humilhação física, mas também pela desintegração da própria alma. A obra *É isto um homem?*(1988) nos faz parar para refletir por diversas vezes quais as consequências de tanto sofrimento:

Imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, tudo, enfim, rigorosamente tudo que possuía; ele será um vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento - pois quem perde tudo, muitas vezes perde

também a si mesmo; transformado em algo tão miserável, que facilmente se decidirá sobre sua vida e sua morte, sem qualquer sentimento de afinidade humana, na melhor das hipóteses considerando puros critérios de conveniência (LEVI, 1988, p. 32).

É isto que se pode chamar de homem? O que mesmo diante dessa indagação podemos ver que, de fato, aquilo era um homem, pelo motivo de que o ser humano é uma espécie de ser tão estranho e contraditório tão falho e ao mesmo tempo, tão firme, capaz de cometer atos de desumanização contra ele mesmo e contra o outro que, nenhuma natureza, ao longo da história, se mostrou tão precária e capaz disso, quanto à natureza humana. Levi estava traumatizado, pois ele estava sem vida, sem cor. A hipótese é de que a narrativa não conseguiu apaziguar tanto sofrimento, pois, as memórias o perseguiram e tomavam conta da aparência dele, que voltava à compulsão por repetir os acontecimentos, a viver na sua tristeza e na sua dor, enclausurado no seu passado. Essa situação de opressão obrigou-o a tomar medicamentos para se acalmar, pois ele não conseguia dormir; a falta de sono o deixava mais enfraquecido. As suas noites eram infundáveis; pesadelos e fantasmas o perturbavam, enlouquecendo-o. O espelho interior do sobrevivente estava esfacelado, contudo ele carregava, na consciência, a função de fazer o luto por aqueles que se foram e não voltaram.

Ele precisava lutar para que a memória permanecesse viva, apesar da embriaguez, do delírio e do mundo de sombras que o rodeava. O medo no olhar, a fraqueza no corpo, a fome desenfreada e o peso de sobrevivente nas costas seriam eternos. Ele era um homem de Auschwitz. Levi demonstrou um comportamento confuso, o que era adequado em um homem que vinha de um ambiente contraditório: ao mesmo tempo em que sentia um grande desejo de se recuperar, viver e reagir, ele se deixava abater, e a frustração absorvia o seu eu.

Com esse comportamento, ele nunca deixaria de ser um homem de Auschwitz e um sujeito melancólico. Levi permaneceu com um comportamento melancólico, pois a experiência da dor nunca pôde ser redimida. Ele, então, tornou-se pessimista, diante da irrecuperabilidade do passado.

Um traço interessante a se analisar é o silêncio do autor entre o momento de sua saída do campo e data da publicação de sua obra. Esse “silenciamento” é interpretado por Michael Pollak (1989, p. 4 Apud. VALLE, 2011) como um sentimento de culpa, comum a

quase todos os testemunhos desse teor. Desse modo, a memória de uma experiência, seja pela recordação ou pelo esquecimento, é o modelo da experiência traumática por dois motivos. Em primeiro lugar, essa memória é erguida no ponto extremo da barbárie, quer dizer, em seu aspecto irrepresentável. Em segundo lugar, essa memória, mesmo que seja o esquecimento, corresponde a um tipo de elaboração cujo silêncio, durante algum tempo, atesta precisamente a intensidade do evento traumático.

Para Levi, houve a necessidade de recordar, sendo um desabafo para ele e, ao mesmo tempo, uma maneira de partilhar a dor, a experiência para que a sociedade tomasse conhecimento da maldade, sob o comando do exército nazista. Mas, assim como a experiência horrenda, a língua quase calou, pois não se conseguia narrar de forma elaborada os fatos, pois ela também era uma sobrevivente da catástrofe, tamanha foram as consequências desse evento catastrófico. A linguagem trafegou na linha do indizível, tanto que a relação entre linguagem e testemunho esteve sempre se esbarrando na dualidade: simultânea necessidade de lembrar, contar e a sua dificuldade de compreender e, sobretudo, de representar a catástrofe.

Para um sobrevivente dos campos de concentração, narrar sua vida naquelas condições não era tarefa fácil. Se pudesse, talvez optasse simplesmente esquecer. O esquecimento, no caso, seria tanto para os outros como para si mesmo. Mas não era simples esquecer. Tratava-se do evento clássico do passado que se recusa a passar. Para conviver com este passado era necessário falar sobre ele, ou seja, testemunhar. Mas era difícil falar e havia grandes dificuldades na recepção destes testemunhos. Aquele que falava sobre o que viveu no campo sentia isso. Acredita-se que todos, tendo passado ou não pelos campos, queriam esquecer a guerra. Todos careciam de uma vida nova. Quem sobreviveu aos campos de concentração temia se transformar em um estranho, em alguém que não dispõe de coisa alguma de positivo para compartilhar.

Por fim, é necessário destacar que as incertezas presentes na narrativa de Levi quanto ao que contar, como contar e quanto a quem vai ouvir são índices que corroboram, além das questões já elencadas em relação à dificuldade da escrita da memória, uma outra dúvida maior para o narrador: quais os motivos que o levaram a sair vivo do campo?

No lugar do simples alívio pela liberdade, o narrador de *É isto um homem?* (1988) parece apresentar um novo trauma, derivado do conjunto de traumas ligados à Auschwitz: o trauma do sobrevivente. Não conseguir explicar o motivo pelo qual ele havia sido “premiado” com a sobrevivência, em detrimento a tantos outros indivíduos, acaba por marcar seu relato. O escritor derrotou o tempo, sobreviveu, mas o seu questionamento interior sempre rodeou como uma sombra escura e nebulosa: porque eu e não outro? Levi sobreviveu enquanto tantos outros morreram; a vida tornou-se uma vergonha, um peso e uma dor. Os nós do tapete chamado vida não puderam ser desfeitos, visto que a carga era muito pesada: ser sobrevivente era viver se sentindo morto ou culpado. As amizades foram importantes, assim como a volta ao lar, a tentativa de retomada da vida, da felicidade, sobretudo após o nascimento dos filhos. Levi amadureceu e tentou seguir o curso que a vida lhe traçava, deixando a correnteza do rio levar, sem saber aonde ela poderia chegar: “Não sei se tem sentido tentar identificar as causas pelas quais a minha vida, só a minha entre milhares de vidas equivalentes, pôde resistir à prova; em todo caso, creio que devo justamente a Lourenço o fato de estar vivo” (LEVI, 1988, p. 180).

No que se refere ao trauma sentido por Levi, após ter deixado Auschwitz, é uma consequência de um árduo caminho percorrido, uma vez que se sentiu, por si mesmo, culpado por ter conseguido sobreviver, sendo que muitos de seus companheiros de Blocos não conseguiram se sobressair. Contudo, restava para ele a tentativa de sobreviver e que essa tentativa estava firmada na busca e no desejo de narrar seus momentos dentro do Campo.

Em sua obra *É isto um homem?* (LEVI, 1988) quando ele foi apontado por Steinlauf, um companheiro de Levi, para o banho diário, ele passa a refletir se “viveria um dia, uma hora a mais? Pelo contrário, viveria menos” (LEVI, 1988, p. 54), isso porque para Levi, a vida se tornara uma mera condição, pois naquele momento ele já não tinha mais a certeza de que sua sobrevivência seria algo real e a partir desse momento começa a pensar sobre o desejo de “fechar-me dentro de mim mesmo, a fazer o balanço da minha vida” (LEVI, 1988, p. 54).

Um dos indícios que o trauma de sobrevivência não foi resolvido, é que para Levi “cada lembrança evocada renasce à nossa frente, dolorosamente nítida” (LEVI, 1988, p. 77), como um martelo a bater sempre no mesmo local ocasionando uma ferida e que esta é sempre reaberta cada vez que se sente culpado por ter conseguido sair fora de Auschwitz. Contudo

para ele, o homem “em geral ele não está sozinho e seu subir ou descer é ligado ao destino de quem está perto dele” (LEVI, 1988, p. 128), o que para essa reflexão propõe-se que, para sua sobrevivência Levi apontou a razão de outros não terem conseguidos os mesmos benefícios. Ele estava certo que para um subir outro haveria de descer, que a luta pela sobrevivência era única, mas que essa sobrevivência implicaria numa culpa que seria levada para sempre em seu viver, o que fez pensar demais sobre o que aconteceu, chegando a esgotar suas forças perante ao trauma sofrido e que, com isso, para ele não faz “sentido tentar identificar as causas pelas quais a minha vida, só a minha entre milhares de vidas equivalentes, pôde resistir à prova” (LEVI, 1988, p. 180), isso porque ele não se sentia superior aos outros, mas, que todos partilhavam da mesma condição miserável e portanto, todos, inclusive ele, não era merecedor de está vivo no lugar de seus companheiros.

Para a professora Sandra Cabral Baron, a pessoa que é exposta a uma situação traumática, experimenta a impossibilidade de responder de forma eficaz a um impacto do ambiente, que traz um excesso de informações impossível de ser processado, pois a intensidade desse evento não comporta a administração cotidiana e provoca no sujeito a imobilidade de respostas, muitas vezes expressas não exatamente na inatividade, mas na repetição de comportamentos, reações ou padrões de relacionamento. Para ela, essa é uma estrada de mão única pois não há como voltar ao estado anterior do trauma. Ou a pessoa passa a viver tensionada internamente gastando parte de sua energia para se proteger das lembranças onde ela precisa colocar em ação os mecanismos para se adaptar a dor, física ou psíquica, e suportá-la; para encaixar na vida dita normal as marcas de seu esforço de sobrevivência ; para conviver com a impossibilidade de compartilhar com os outros a intensidade de uma vivência quase incomunicável ou encontra condições oferecidas pela forma como seu traumatismo é tratado pelo ambiente sem as sequelas imobilizadoras que o trauma produz. Nesse sentido, para enfrentar o cotidiano de adversidades traumáticas é necessário construir um espaço relacional suficiente para que o sujeito se recoloca na dimensão de um período sensível e reinstaurar uma perspectiva de futuro e ainda retornar à relação de olho no olho. Daí se coloca em prática o esforço para sobreviver sendo constituído de uma certa resistência. No entanto, são estratégias para retornar a uma vida na qual se pode transformar vivências em experiências.

Segundo o autor F. R. Farias, (2013) muitos sobreviventes que não sucumbiram à morte certa, a vida, depois desse momento, perdeu por completo o seu sentido, de modo que, em muitos, persiste a ideia de não mais empreender qualquer esforço pela existência. (FARIAS. 2013. p.04). Disso então resulta graves fraturas sociais que são dificilmente elaboradas pela falta de recursos que, nem sempre estão à disposição seja do sujeito isoladamente, seja de grupos. Contudo, pode-se vislumbrar que a imagem da situação vivida colada à percepção do sujeito, geralmente assume tal poder de enfraquecer suas forças, a ponto de perder a esperança na vida, pois o passado torna-se um monstro difícil de ser enfrentado acompanhando o sujeito em todos seus passos tornando-o cruel (FARIAS, 2013. p. 08). Assim são produzidas formas de resistências às situações do passado, razão pela qual os vestígios das experiências devem, obrigatoriamente, ser significados.

Por isso muitas vezes a escrita representam uma posição subjetiva como uma solução do sujeito para si mesmo em relação às inexplicáveis causas do sofrimento a que esteve exposto (FARIAS, 2013, p. 09). Nesse sentido a escrita serve como um caminho para a sobrevivência. Ela torna-se uma aposta para oferecer o indivíduo que passou por uma experiência traumática uma alternativa de luta para sobreviver, podendo assim ser como um sopro de vida.

Apesar de tudo, Levi ainda reflete em um de seus momentos em Auschwitz que, “se alguém de nós dissesse que viríamos ainda um inverno no Campo, teríamos ido tocar a cerca eletrificada, e que ainda agora deveríamos ir tocá-la se fôssemos coerentes, a não ser por este insensato, louco, resíduo de esperança inconfessável” (LEVI, 1988, p. 182) e ainda quando “uma parte de nossa existência está nas almas de quem se aproxima de nós; por isso, não é humana a experiência de quem viveu dias nos quais o homem” (LEVI, 1988, p. 253), temos claramente a noção que o trauma sofrido não foi totalmente absorvido, pois a experiência foi algo inimaginável, resultando num sentimento de culpa, no qual ao longo do tempo massacrou a vida e o ser de Levi até sua morte.

3. Considerações Finais

A análise do termo *Shoah* faz referência à catástrofe vivenciada por Primo Levi durante a Segunda Guerra Mundial, na qual muitos judeus perderam suas vidas por conta de uma ideologia nazista. Contudo, antes da utilização do conceito de *Shoah*, foi necessário um breve estudo da semântica das expressões Holocausto e *Shoah* e, ao fim desta, foi preferível por mim, como pesquisadora, utilizar o termo em ídiche, pois ele carrega em si um peso diferenciado em relação ao Holocausto: se este traz uma ideia de punição de pecados, destruição, Shoah, por outro lado, carrega uma busca por um vocábulo particular para expressar o sofrimento durante a Segunda Guerra Mundial.

As marcas deixadas pelos nazistas fizeram de sobreviventes, seres humanos frágeis, mas com a necessidade de narrar suas experiências afim de que a história pudesse ser escrita e, contudo, para que as gerações futuras pudessem ter conhecimento do que aconteceu durante a Shoah.

Como apresentei ao decorrer dos dois capítulos integrantes desta pesquisa, a *Shoah* foi um evento responsável por imprimir uma grande carga traumática aos indivíduos a ele ligados, em especial aos sobreviventes. Destes, o caso do italiano Primo Levi foi o meu objeto de pesquisa, particularmente o seu romance *É isto um homem?* (1988). Esta obra traz, em sua narrativa, o relato das marcas deixadas em seres humanos como consequência das experiências vividas dentro dos campos de concentração. Essas experiências configuraram, para os sobreviventes, rupturas na realidade, caracterizando traumas que se tornaram fantasmas reiterantes das experiências durante os meses no campo de concentração. Curiosamente, embora enfraquecidos pela experiência nazista, os sobreviventes buscaram formas de se fortalecer para o enfrentamento da nova realidade pós nazismo: Primo Levi encontrou, na escrita de suas memórias, um caminho pelo qual poderia prosseguir sua existência e continuar a construir sua história de vida.

O trauma pode ser entendido como um momento vivido no qual o ser humano sofre com a dificuldade de significar uma experiência que se apresenta como irreconhecível, isto é,

uma forma de realidade que carrega símbolos que extrapolam a capacidade do indivíduo de compreender a si mesmo e a ela própria, gerando, dessa forma, uma impressão em alto-relevo na história de uma vida. No caso de Primo Levi, uma das primeiras questões que lhe são apresentadas como incompreensíveis é, certamente, a sua condição humana: o título *É isto um homem?* representa uma polissemia: os algozes são homens, mesmo a se comportar de modo tão animalesco para com os outros? Os aprisionados são homens, mesmo tendo perdido seus traços de dignidade e humanidade após meses de maus-tratos? Após a libertação, são ainda homens este seres que caminham pelo mundo?

Uma das formas encontradas por Levi para refletir sobre essas questões foi justamente a escrita. Paradoxalmente, escrever suas memórias é, ao mesmo tempo, êxito e frustração, uma vez que os traumas, como cicatrizes duradouras, emperram a comunicação. São palavras que não conseguem expressar a inteireza do que aconteceu, rotas e mal-acabadas num vazio que não consegue explicar, por falta de conceitos adequados, a experiência vivida. Por outro lado, há uma necessidade de narrar, seja para tentar diminuir o peso da dor, seja para não permitir que as gerações futuras esqueçam o teor e o peso da Shoah, seja, ainda, para dar vozes para aqueles que já não podem mais falar, porque deixaram de existir em suas vidas de campo de concentração.

Em Primo Levi, a memória é estabelecida como um momento de reconstrução e é o que dá sentido para sua narração e testemunho. Assim, o narrador de *É isto um homem?* (1988), através da memória, dá um sentido a uma história individual e também possibilita a construção de a memória de um determinado grupo. O testemunho de períodos traumáticos, como no caso das memórias de Primo Levi, pode ser um meio de representar traumas, medos e silêncios e, de modo bastante comum, o momento da rememoração é também propício para a superação dos traumas.

Contudo, no caso do meu objeto de pesquisa, acredito que não houve apaziguamento das dores do narrador de *É isto um homem?* (1988), pois as lembranças continuaram a massacrar seu ser, dia após dia, fazendo com que ele se sentisse sem condições de estar ali, naquele tempo presente, naquela condição de sobrevivente, enquanto tantos outros não resistiram às violentas experiências de vida. Além dos dados presentes nessa narrativa de Primo Levi que me ajudam a confirmar o que argumento (como apresentei no Capítulo II), o

que complementa a minha argumentação é a própria carreira de Levi enquanto autor: a obra *A trégua*, publicada em 1963; e *Os afogados e os sobreviventes*, publicada em 1986. Na primeira, há o relato dos anos de sua vida como sobrevivente da *Shoah*; a outra apresenta sua análise da *Shoah* no que se relaciona a um tema recorrente na memória do ressentimento: perdoar ou não os alemães. Assim, essas duas obras se somam a *É isto um homem?* numa trilogia da *Shoah*. O que fica claro para mim é que os anos após o campo de concentração, para o narrador de *É isto um homem?* e para o homem Primo Levi, carregaram não só os traumas dos meses como cativo: impuseram-lhes um novo trauma, o trauma do sobrevivente. Para o homem Levi, esse novo trauma foi o último, embora sua persistência: em 11 de abril de 1987 ele se suicidou. “Talvez sobrevivamos às doenças e escapemos às seleções, talvez aguentemos o trabalho e a fome que nos consomem, mas, e depois?” (LEVI, 1988, p. 77). Até os dias de hoje vários estudiosos do caso tentam entender o motivo da sua morte. O suicídio é negado pela própria família, embora a autópsia o comprove.

O narrador Levi, que se vê em muitos momentos narrando suas experiências, passa por um período em que suas lembranças são traduzidas através de relatos construídos pela narrativa de sua vida. Essas lembranças são sempre renovadas a cada vez que são relatadas, fazendo com que o narrador se sinta fracassado diante de tal acontecimento, pois ele não consegue explicar com precisão o ocorrido, e a partir dessa falha ele sente a necessidade de buscar palavras que possam representar o evento.

A dificuldade de contar os excessos vividos faz de seu narrador a sombra daquilo que já foi e que em nenhum momento não volta mais e que a partir daí somente há as representações vividas por ele.

Levi ressurgiu de um evento histórico doloroso e consigo traz acontecimentos que ele próprio tem dificuldade em descrever devido a intensidade do evento. Por isso ele se sente culpado por não conseguir relatar com maior clareza as experiências, mas que se percebe o desejo de narrar para que os que já se foram possam ser lembrados e com isso, serem representados pelo narrador.

Portanto, quanto a dificuldade de relatar os fatos ocorridos, na tentativa de apaziguamento das dores, o narrador se vê cercado por um sentimento de culpa, de

fragilidade, que o leva ao trauma de sobrevivência, trauma esse que é sempre resgatado a partir de lembranças de experiências de um passado que já não há mais como modificá-lo. Nesse sentido, ocorre uma autoavaliação do ser humano sobre o por que ele conseguiu sobreviver, enquanto tantos outros não conseguiram, como foi o caso de Primo Levi.

Um outro indício que me autoriza a argumentar quanto ao trauma de sobrevivente é o poema “O sobrevivente”, escrito em 1984

Desde então, a hora incerta, / Aquela pena regressa, / E se não encontra quem a escute, / Queima no peito o coração. / Olha de novo os rostos dos companheiros / Lívidos na primeira luz, / Cinzentos do pó de cimento, / Imperceptíveis na bruma, / Os seus sonhos manchados de morte e angústia: / À noite apertam as suas mandíbulas / E sob o peso longo dos sonhos / Ruminam invisíveis nabos. / “Para trás, fora daqui, / Afastai-vos. Eu não suplantei ninguém, / Não usurpei o pão de ninguém, / Ninguém morreu em meu lugar. Ninguém. / Retornem às vossas brumas. / Não é a minha culpa se vivo e respiro / Se como e se bebo, se durmo e estou vestido” (LEVI, 2005).²

É certo que não procuro trazer a resposta definitiva para os motivos de sua morte, mas o que me interessa é construir meu argumento quanto ao surgimento do novo trauma, o de sobrevivência. Depois de sua não condição de homem no campo de concentração, o ser que viverá os anos seguintes também ainda é incompleto, faltoso. Um silêncio de si, que nem a escrita literária conseguiu vocalizar.

2 Texto originalmente em espanhol. (*Tradução minha*)

4. Referências Bibliográficas

BARENGHI, Mario. A memória da ofensa. Recordar, narrar, compreender. *Novo Estudos. CEBRAP*. N. 73. São Paulo, Nov. 2005.

BARON, Sandra Cabral. Estratégias criativas de sobrevivência psíquica ao traumatismo insidioso de um cotidiano de adversidades. *I Seminário Nacional Sobre Estresse, Saúde e Trabalho: Magnitude, Transcendência e Vulnerabilidade. SENESAT*. Rio de Janeiro Disponível em <http://www.senesat.uff.br/sandra.pdf> . Acesso em 01/05/2013.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e holocausto*. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro, RJ: Zahar. 1989.

BERTA, Sandra Leticia. *Um estudo psicanalítico sobre o trauma de Freud e Lacan*. São Paulo, 2012. p. 274.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri, SP : Sociedade Bíblica do Brasil; Rio de Janeiro : Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2005.

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: Diálogo e rupturas entre memória e história do holocausto. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, Memória, Literatura*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 133-138.

FARIAS, F. R. A elaboração dos rastros de memória da experiência traumática: elaboração pela escrita. *II CONINTER*. Belo Horizonte, de 08 à 11 de outubro de 2013, p. 1-13.

FINGUERMAN, Ariel. *A teologia do holocausto*. São Paulo: Paulus, 2012.

FULGENCIO, Leopoldo. A noção de trauma em Freud e Winnicott. *Natureza Humana*. São Paulo. 6 (2), jul – dez. 2004. p.255 – 270.

GAUER, Gustavo e GOMES, William Barbosa. Recordação de Eventos Pessoais: Memória Autobiográfica, consciência e Julgamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol 24. N. 4, Brasília, Out – Dez 2008. p. 507 -514 .

MACIEL, Lucas Tadeu de Oliveira e RODRIGUES, Lucilo Antonio. A Composição De Maus E As Representações Da Shoa: Entre Literatura, História E Quadrinhos. In: *Revista Philologus*, – Supl.: *Anais da VIII JNLFLP*. N° 57, Rio de Janeiro: CiFEFiL, Ano 19, set./dez.2013. p. 36-44.

MALDONADO, Gabriela e CARDOSO, Maria Rezende. O Trauma Psíquico e o Paradoxo Das Narrativas Impossíveis, Mas Necessárias. *Psicologia Clínica*. vol. 21. N°1, Rio de Janeiro, 2009. p.45-57.

MEDEIROS, Joselaine Brondani. *Murmúrios na escuridão: a voz quase inaudível do sobrevivente Primo Levi em É isto um homem? e a Trégua*. Porto Alegre, jan/2009, p. 1-191.

LEVI, Primo. *É isto um homem?*. Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p. 255.

_____. *A una hora incierta*. Poesia 1919-1987. Barcelona : Editorial La Poesia, 2005, p.142.

ORDINE, Rodrigo. *Entre as memórias, a memória do desconforto*. Rio de Janeiro, 2011. Tese de Doutorado. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Cia. Das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007. p. 9-44.

SILVA, Marcio Seligmann. (org.). *Historia, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p. 45-85.

_____. Narrar o trauma – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*. Vol 20. N°1, Rio de Janeiro, 2008. p.65-82.

SILVA, Deiver Barros e PEREIRA, Fernanda Linhares. História, Memória e Distância: Um Estudo do Testemunho de Primo Levi Sobre os Campos de Concentração. *Revista da Teoria da História*. Ano 5. N. 9, Goiás, Jul/2013. p. 59-70.

VALLE, Eduardo Garcia. História, Memória e Literatura de Testemunho: uma análise do Holocausto na obra de Primo Levi. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo. Julho/2011. p. 1-13.

VOLOSINOV, Valentin N. *Marxism and the philosophy of language*. Cambridge, MA : Harvard University Press, 1973.

WERNECK, Daniela. Encenações do ausente: autobiografia e trauma. *E-escrita*. V. 4, 2013.1, p. 47-58.